

Estudo prevê 6 milhões fora da escola em 98

Educação

Apesar da tentativa do governo de aumentar o número de matrículas, o País deverá chegar ao final de 1998 com cerca de seis milhões de crianças fora da escola, mais do que o dobro do número oficial hoje (2,7 milhões), segundo estudo do economista Ib Teixeira, da Fundação Getúlio Vargas. Baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das secretarias estaduais de Educação e do Ministério da Educação, ele estima que o ano letivo esteja começando com 3,1 milhões de crianças de 7 a 14 anos sem estudar. A elas vão somar-se três milhões de alunos que deixarão a escola, conforme informou a Agência O Globo.

Além disso, o funil do sistema educacional indica que é um privilégio chegar ao final do curso básico, pois de dez estudantes que entram no primeiro ano, apenas dois chegam a completar a oitava série.

Conforme artigo publicado na última edição da revista "Conjuntura Econômica", além desses seis milhões, Teixeira leva em consideração, em sua análise, os três milhões de repetentes crônicos, chegando a um to-

tal de mais de nove milhões de alunos para quem 1998 vai ser um ano perdido. Isso é quase igual à população de Portugal (9,9 milhões) e um terço da população da Argentina.

O economista culpa a burocracia, os baixos salários e a má distribuição geográfica das escolas pela ineficiência da educação básica. Segundo ele, faltam vagas perto das casas dos estudantes, o que exige que eles sejam transferidos para escolas mais distantes. Teixeira critica o hábito brasileiro de construir escolas suntuosas, como os Cieps e os Ciacs, em beira de estrada e não em locais onde realmente estejam as crianças.

"Mesmo com o transporte gratuito, essa situação exige uma enorme força de vontade da criança. Se na favela funcionasse uma pequena sala de aula, daria muito mais resultado", diz. Segundo ele, no Chile o analfabetismo foi combatido com pequenas salas de aula e com professores que recebiam do governo uma subvenção por aluno. Hoje, o Chile tem taxa de analfabetismo entre 3% e 4%. Para Teixeira, a experiência chilena tem tudo para funcionar também no Brasil.